

Coimbra

N.º

9

10 3/1954
LISBOA
10 JUL 34
COIMBRA

agros

REGL
-100-
COIMBRA

LISBOA
10 JUL 34
MORTE



Écos

QUEIMA DAS FITAS

Écos

PERTENCEMOS ao número daqueles que tiveram a satisfação de conviver com esse herói das alturas que se chamou Plácido de Abreu. Lembremos ainda, numa evocação saudosa e dolorida, certa manhã dum Novembro ardedado em que o vimos executar os mais arrojados exercícios de acrobacia aérea, torcendo o seu aparelho, fazendo-o voltar e obedecer a todos os seus desejos, — sobre a pista da Amadora. Porisso, chocou-nos duma forma que a emoção não nos permite descrever, a noticia da sua morte. A princípio, não quizemos crer. Mas a realidade — bem triste, no caso presente — depressa se mostra em toda a sua plenitude...

Plácido de Abreu, como todos os heróis que colocam o bom nome da sua terra acima do próprio amor de família, morreu ao serviço da Pátria. E Portugal soube glorificá-lo condignamente, tributando-lhe uma sentida homenagem naquela tarde em que o seu corpo frio foi conduzido a um cemitério de Lisboa.

Paz à sua alma.

■ ■

SAIBAM quantos...

O «Fado Académico de Coimbra» não é assim uma instituição a modos duma associação de socorros mútuos ou coisa parecida, como para aí se disse. A sua missão é bem nobre e alevantada. Tem um programa traçado desde o momento da sua fundação. Cumpre-o, sem tergiversações. Visa apenas agrupar os académicos que cultivam uma das mais espinhosas e difíceis modalidades da Arte. Acarinha-os, encorajando-os, — após os revezes que lhes vêm, por vezes, da má compreensão de certo público, que parece apostado em exterminar, duma vez para sempre, tudo quanto ainda concorre para que se mantenha aquela auréola que outrora envolveu o nome de Coimbra.

Numa época em que se vai para as «foguetas» tradicionais de sapatinho bem lalhado, vestidinho agarrado ao corpo e cabelo aparado à rapaz, numa época em que se prefere uma partida de football a um bom concerto ou

Agora que são já decorridos novos dias, neste constante suceder de acontecimentos que é a vida, agora que os trabalhos escolares, com o fim do ano lectivo à porta, nos obrigam a uma maior concentração e a um maior dispêndio de energias, — agora, íamos escrever, melhor se avalia quanto foram grandes e quanto foram brilhantes as festas da Queima das Fitas. E importa salientar, primeiramente, o cunho acentuadamente académico dessas festas, que este ano não foi descurado num só promenor.

Não se poupando a esforços de qualquer natureza, os nossos colegas incumbidos da organização das festas capricharam no delineamento dos programas e na efectivação dos respectivos números. Entre estes, é preciso destacar o grandioso baile das Quatro Faculdades, que teve lugar nos salões dos Paços do Concelho, a Garraçada, na tarde do dia 27, e o grande festival desportivo no Campo de Santa Cruz, que serviu à maravilha para de novo se demonstrar o valor dos nossos atletas e o cuidado que a Associação Académica tem com a preparação dos elementos que constituem os seus grupos desportivos — o que faz dela a única agremiação coimbrã do género onde se notam tais preocupações. Propositadamente deixámos para o fim — os últimos são os primeiros... uma referência ao cortejo da tarde do dia 26 — o tradicional cortejo dos novos quintanistas, que, este ano, foi extraordinariamente enriquecido com a colaboração prestada pelos *caloiros*, que apresentaram alguns carros bem ornamentados. Tôdas as faculdades se fizeram representar nêsse cortejo grandioso. Houve animação, entusiasmo, as festas atingiram um brilhantismo invulgar, e — grande consolação a nossa! — foram inteiramente organizadas e realizadas pelos estudantes.

Para fecho desta noticia, que é feita a tamanha distância para melhor se poderem apreciar os factos, uma vez que êles se projectaram já no passado, restam-nos arquivar aqui as manifestações de character cultural que deram certa feição às festas da Queima das Fitas, demonstrando, simultaneamente, que a Academia alberga no seu seio autênticos valôres em modalidades bem diversas: referimo-nos à memorável *tarde-de-arte* que se realizou na Faculdade de Letras, para inauguração das Festas e abertura do Salão Académico, e ao sarau de gala que teve lugar no Teatro Avenida, em que colaboraram o Orfeão, a Tuna e o Fado Académico.

Na revoada de fitas que esvoaçaram por essas ruas, dissiparam-se as ilusões que acalentam todos aquêles que vão agora deixar Coimbra. Há-de a saudade chamá-los de novo a esta cidade de encantos: ano a ano, dezenas de cursos vêm aqui reunir, rememorando tempos passados. Outros, preparam-se já também para a despedida. E vêem outros de novo, para os substituir... E' assim a vida! E já que ela se apresenta tão curta e tão repleta de desilusões, — rapazes! é vivê-la bem!

qualquer outra manifestação artística, — reconhecemos que é deveras arrojada a iniciativa daqueles que fundaram e mantêm o «Fado Académico de Coimbra».

Mas tanto mais para lutar a sua missão.

E eis o motivo porque nem a brincar se deve desdenhar duma instituição que é bem simpática por todos os motivos, — e que sempre tem recebido, das pessoas de espirito bem formado, as maiores preferências.

■ ■

DEPOIS de Plácido de Abreu, — foi Melo Rodrigues quem a morte nos roubou.

Outro acrobata que morre no seu pósto, no momento em que arrebatava a multidão com as suas proezas. Abriu-se uma nova vaga nas fileiras da Aeronautica Nacional, que difficilmente se irá preencher.

E quando é que se perpetuará, em mármore ou em granito arrancado ao nosso solo, o esforço heróico dos bravos rapazes da nossa Aviação, que têm tombado ao serviço da Pátria?

Eis a pergunta que naturalmente nos ocorre, — hoje que nos referimos à morte de mais dois moços aeronautas da nossa geração.

■ ■

E' INAUGURADO, no próximo dia 20, o XI curso de férias da Faculdade de Letras. Registe-se o facto de, em Portugal, apenas esta nossa Faculdade manter, já há onze anos, um curso de férias, — que, lá fóra, são organizados por quasi tôdas as Universidades...

Mas não vale a pena cuidar da organização e manutenção de semelhantes cursos?

Não, senhor, não vale a pena. Lá umas partidinhas de foot ball internacional, — ainda se justificam. Agora os cursos de férias... êsses estão bem mas é para os caturras dos estrangeiros!

Pois se nós tivemos numa terra onde alguém, de grandes responsabilidades intellectuais e que tem a seu cargo a educação de rapazes, preguntava, há dias, para que diabo é que servem os arquivos, com tanto pó e tamanho cheiro a bafo...

Material Cirúrgico e de Laboratório

**Instalação completa de Salas de Operações,
Casas de Saúde, etc.
Oficinas de Fabricação, Reparação e Niquelagem**

Representação exclusiva para Portugal e Colónias
das maiores e mais acreditadas Casas de material cirúrgico,
de laboratório e de aparelhos de electricidade médica

Cistoscópios, Uretrocópios
e Rectoscópios

George Wofl

Vidraria insensível às mudanças
de temperatura

Pyrex

Instrumentos e aparelhos de óptica, Microscópios,
Polarímetros, Lunetas astronómicas,
Microscópios para trabalhos escolares

C. Zeiss-Jena

R. Winkel-Zeiss

Aparelhos de Raios Ultra-Violetas
Sol artificial de altitude

Quarzlampen-Gesellschaft

Hanau

Material de Laboratório
e Aparelhos de esterilização

F. & M. Lautenschläger

G. M. B. H.

Aparelhos de Raios X — Diatermia — Electricidade Médica

Electricitäts Gesellschaft "SANITAS,, - Berlim

PEDIR ORÇAMENTOS

Instituto Pasteur de Lisboa

LISBOA--R. Nova do Almada, 71 PORTO--R. dos Clérigos, 36

Secção de Coimbra --- Rua Ferreira Borges, 15

UM VELHO TEMA

Ao Dr. Jorge de Moraes, com admiração e amizade

Este cigarro loiro e perfumado
que seguro nervoso entre os meus dedos
é o amigo fiel e dedicado
a quem conto todos os segredos...

E conversámos amigavelmente
numa suave e doce intimidade,
enquanto o fumo sobe lentamente
no triste agonizar duma saúde...

O que êle me diz, êste cigarro loiro!
Nas espirais do fumo que se alteia
há segredos que valem um tesoiro
tristezas p'ra compôr uma epopeia!

E o diálogo começa... A minha voz
é ansiedade, doloroso grito...
E a sua é fumo ténue que, veloz,
se perde como sombra no infinito.

E conversámos... — Quem és tu? — pergunto.
— Sombra de fumo, sei lá bem quem sou?
Frase já gasta de estafado assunto
têma banal que há muito se esgotou...

Eu não sou mais que um pobre caminheiro
que anda a queimar-se em íntimo alvoroço.
E em breve, no fundo do cinzeiro
não serei mais que um mísero destroço...

Vês êste fumo ténue que se eleva?
São as quiméras que eu sonhei um dia...
... gritos de luz perdendo-se na treva
de uma infinita noite de agonia!

— E sentes-te feliz? — O meu destino
traçou-o Deus inexoravelmente...
A felicidade é um bem quêsido divino,
um bem fugaz que pouca gente sente.

No entanto, quâsi alegre entre os teus dedos
vou-me esvaindo em fumo pelo ar...
Há dentro em mim fantásticos segredos
que levariam tempo a revelar...

Mas para quê? .. Filósofo bizarro,
eu sou feliz porque te fiz sonhar...
Êsta vida não passa de um cigarro
que vocês não se cansam de fumar!

E no final é tudo cinza fria...
a pálida ilusão dum caminheiro...
fumo no ar em gélida agonia
que se eleva da concha dum cinzeiro...

Os sonhos que sonhaste — fumo leve...
Os teus desejos — cinza amortecida...
E tudo isto, amigo, é um sonho breve
— o sonho breve a que chamámos vida!

Assim falou o meu cigarro loiro
na sua voz agónica, dolente.
E eu concordei que a vida é um tesoiro
a desfazer-se em fumo... lentamente...

Joaquim Veiga

Deserto da minha vida
Adormecida
Longo de mim a brilhar.

Sou cêguinho do Deserto
Nos meus olhos encoberto,
Sempre tão longe de mim...

Longo Deserto sem fim!

Saúde — Distante,
Distante de meu Bem...

DESERTO

Vem! Eu sou mareante
Do largo Mar de Além!...

Outros sois, outros espaços
Quero trilhar!

E tudo passa,
Só a desgraça

Cegou eternamente o meu olhar...

O que haverá para Além?

Pobre de mim!
Quanto mais vou para deante
Mais me afasto de mim...

— Longo deserto sem fim!...

Manuel Filipe

A cidade está em festa, vestindo-se de côres! Os olhos
da crença postos sentidamente na imagem da Rainha
Santa, o povo presta-lhe, nestes dias, fulgurante home-
nagem em que milhares de corações comungam!

COIMBRA associa-se também a êsse preito de saudade,
prestado àquela que foi Rainha, Santa e Mãe dos des-
graçados! . . .

Os encantos do Choupal

Vem de ha quatro anos a esta data a luta sem réguas travada pela Comissão de Iniciativa e Turismo em pról da valorização do Choupal. Campanha animada e movimentada por êsse espirito empreendedor que é o Sr. Dr. Manuel Braga, a quem Coimbra já tanto deve, era de esperar que dela surtisse o êxito desejado. E êsse êxito surtiu, de facto, — e sem deongas de maior.



A melhor resposta que se podia dar a todos êsses derrotistas que para aí tiveram sorrisos de incredulidade, na altura em que se começou a campanha, é, sem dúvida, o adiantado das obras que ha um ano se veem realizando na famosa mata do Choupal, obras essas que se impõem já, pelo facto de tornarem o Choupal mais acessível, revelando-nos tôdas as suas belezas. E não é preciso decorrer um grande período de tempo para assistirmos ao coroamento dessas obras, que veem sendo levadas a efeito com a maior persistência. Se é que êsse coroamento não começou já a esboçar-se...

...Não ha ainda por aí quem se lembre dos encantos do Choupal de ha quarenta anos, tão diferente do Choupal de hoje? Por certo que ha. E êsse Choupal de ha quarenta anos era a mata encantadora que todos procuravam, fazendo dela, ao depois, a maior propaganda. Cortavam-na ruas amplas. Ladeavam essas ruas alguns caramanchões e outros lugares aprasíves. De tudo isso, porém, — restava-nos um monte de silvas.

Pois bem. Essas silvas foram roçadas. Andou por lá a mão do homem, limpando a mata da vegetação parasitária que se havia fixado nas suas amplas

e famosas clareiras. Resultado: o Choupal, hoje, tal como já está, é uma surpresa, — até para aqueles que o visitaram ha quinze dias ou três semanas!

E' prolongar os passeios até à famosa mata. Percorrer a avenida principal. Ver-se-á, depois, que temos razão. E' que não sabemos de encanto maior do que êste: percorrer a nova avenida das dalias, que vem entestar com a avenida principal, — ou percorrer ainda qualquer outra das cinco novas ruas que ar obras de aproveitamento do Choupal nos vieram revelar.

Coimbra Romantica

Ao Alfredo Brochado

E' da Coimbra saudosa que te escrevo
e quem dera poder fazer a tinta
desta bendita luz com que o sol pinta
o velho casario medievo!

A cabra já tocou; passam na rua
os ultimos caloiros apressados.
— Rebanho de cordeiros tresmalhados,
que um lobo perseguisse, à luz da lua!

Contando um enigmático desgosto,
à hora das trindades, ao sol-pôsto
os olhos das mulheres são feiticeiros.

Que sonhos vão na sua luz morena!
(A' hora das trindades tenho pena
de não saber rezar como os salgueiros!...)

Legenda

A uma morena

Ó ânfora de cálidos desejos!
Há no teu corpo líbrico e moreno
ardencias tropicais pedindo beijos
— os beijos que são taças de veneno...

Passas por nós vitoriosamente
— ó flôr morena estranhamente altiva! —
Tem o teu corpo geitos de serpente,
queimam teus olhos como brasa viva!

Imagem dum desejo insatisfeito
que nos tortura os lábios dia a dia,
devem teus beijos ter o mesmo efeito
de taças emboçadas numa orgia!

E passas a sorrir — ó flôr do Mal,
neste alvorôço ardente que sentimos
como se fôsses a mulher ideal
que se deseja — e nunca possuímos!

OS VINHOS...

BORGES

... SÃO VINHOS

HOTEL AVENIDA

Todo o conforto moderno

COM

BAR À AMERICANA

PREÇOS MODICOS

Proprietário-Gerente

FILIPE PAIS FIDALGO

COIMBRA HOTEL

A ORCHIDEA

DE

José Joaquim da Cunha Melo

★ ★

**Fábrica de corôas, flôres
artificiais e aprestos
para as mesmas**

★ ★

TELEFONE 4078

94-Rua das Flores-102

PORTO

MIZARELAS & C.^a

**Lanificios para fatos
e vestidos
das melhores fabricas
do Pais**

★ ★

49-Rua Visconde da Luz-55

Telefone 38

COIMBRA

Sabonetes e Perfumarias

USANDO

NALLY

USA
BOM

A
Farmácia
Luciano & Matos

E A
Drogaria Central

TEEM EM STOCK TODOS
ÉSTES ARTIGOS

Farmacia do Castelo

Deposito de instrumentos
e mobiliario cirurgicos
Aparelhos de electricidade médica

Preços de absoluta concorrencia
com as casas de Lisboa e Porto

BAR da Associação Académica

Aberto todo o mês
de Julho

Serviço primoroso de Bar, Cervejaria
e Pastelaria a preços sem
competencia

Académica Editora

SILVA RAPOSO & C.^A L.^{DA}

Telefone 939

R. Candido dos Reis 6 a 12
(Junto à Universidade)

COIMBRA

Livros Novos e Usados, Nacionais e Estrangeiros
Papellaria, Tabacaria e Perfumaria. Cartões de visita

Compra e vende:

RARIDADES BIBLIOGRAFICAS — Anatomias e toda
a espécie de livros — Avaliação de Bibliotecas

DAMIÃO & C.^R

Apresenta sempre
artigos de primeira
qualidade de fla-
grantes novidades

ACADÉMICOS!...

Comprai as vossas
camisas,
peugas,
luvas e demais
artigos na
acreditada
casa

JOÃO MENDES, L.^{DA}

LOJA DOS PANOS

DE

ANTÓNIO ALVES CALDEIRA

Rua Visconde da Luz, 32
COIMBRA



Grandes Saldos de malhas, meias, peugas, tweeds
e crepes da china



Especialidades em panos brancos e atalhados
de Guimarães

LOJA DAS MEIAS

DE

J. LOPES DE CARVALHO

102, Rua Ferreira Borges, 106
COIMBRA



Luvas, Artigos de Malha, Peugas, Meias, Camisaria
e Gravataria



O melhor sortido aos mais baixos preços

No primeiro quartel do sec. XIII, a infanta D. Sancha, filha de D. Sancho I, pedia ao Arcebispo de Braga e ao Bispo de Coimbra «lhes assinassem lugar para fazer hum oratorio para viver com algumas religiosas em Recolhimento, oração & contemplação». (1) Foi o lugar assinado, em pleno vale de Guimarães, fóra e muito além dos muros da cidade, — precisamente no sitio onde, segundo rezava a tradição, havia assentado arraiais o exército de Fernando Magno, quando da tomada de Coimbra, nos principios do sec. XI

Nasceu, desta forma, logo de início bafejado pelos favores de altos prelados e reis, o mosteiro cisterciense de Santa Maria de Celas. Em 1223, «avia ja Abadessas». Entrava o mosteiro na maré-cheia das primeiras dádivas. Nele professavam filhas de senhores nobres, com dotes chorudos. Os benefícios vinham ainda por outros caminhos; nos séculos XIV e XV, o Bispo de Coimbra D. Américo «de consentimento dos seus cônegos unio a Igreja de Figueiro ao mosteiro»; a seguir, por escambo, recebem as freiras a Vila de Eiras, — e outras muitas e importantes doações se seguiram.

Entra-se no sec. XVI. Era do Renascimento. Coimbra vai ocupar, nas artes e nas letras, um lugar de relêvo, entre os principais centros culturais. Celas acompanha o movimento: a casinha humilde fundada pela infanta D. Sancha vai transformar-se, a breve trecho, numa maravilha onde se agrupam retábulos, imagens — mil labores delicados saídos das mãos dos «imaginários» franceses & dos seus discipulos.

D. Leonor de Vasconcelos manda executar «muytas bras materiaes», ocupando, entre elas, a primazia, a «hermida ou capella deste convento de excelente, e admiravel estrutura, e das melhores deste Reino, como se ve no letreiro, que esta no alto da porta della». (2) Mestre Nicolau Chanterene havia recebido del rei (D. João III), em 1525, uns *corenta mil* reis, para a mesma obra da capella. Mais tarde, foram-lhe entregues mais 25 cruzados, para *ho frete do retavollo*, e para a feitura do mesmo retábulo lhe haviam já entregado, em França, dez mil reis, acrescentando-lhe no assucar mais duas arrobas. Bem se via que Mestre Nicolau, de tão lambareiro que era, só andava habituado a lidar com freiras...

No Livro 8 do Cartório de Celas — hoje incorporado no Arquivo Distrital da Fazenda — além das notas atrás recolhidas e que foram aproveitadas pelo Cônego Prudêncio Garcia, lê-se mais que D. Leonor de Vasconcelos fez «avença cõ mestre nicollao» para que êle lhe esculpisse um túmulo. A obra, porém, não foi acabada. A Abadessa preferiu descer à terra fria, despindo-se, como boa freira, da vaidade humana de exhibir seus ossos dentro duma pedra lavrada. E todo o aparelho e outro que se preparou foi aproveitado para «hum portall que mandou asentar na porta da Igreja que vem para o cabydo...» Foi a obra contractada por 19 mil reis. Porém, a 20 de Abril de 1526, Mestre Nicolau, ao passar recibo duma quantia que lhe fóra entregue, diz o seguinte: «he teynho resebydo ja treze mil rs. estes myl e me da soy catorze, he me fyra deuydo ses myl por acabar o portall feyto...» O manhoso do Mestre Chanterene!

Colaboraram com Mestre Nicolau dois artistas portugueses, canteiros do campo de Coimbra: João Portugues e Gaspar Fernandes... A D. Leonor de Vasconcelos, seguiu-se no Abadessado D. Maria de Távora. Quando ainda sacristã, havia mandado fazer

O Claustro de Santa Maria de Celas

os dois altares «collacteraes do Santissimo Sacramento, e de N. Senhora por hum famoso imaginário João de Ruão...» A 20 de Novembro de 1553, a janela da grade da portaria do mosteiro, «lugar acuturnado homde os semelhates autos se soem ffazer» (3) juntaram-se em cabido a Abadessa, a prioreza D. Maria de Abreu, a «soprioreza e outras du cõventuaes», o tabelião público por el rei Antón Anes — que lavrou o auto — e as testemunhas Antón Borges, que foi prior de Eiras, e Pedro de Castro pintor, natural de Braga. E a Abadessa emprazo por êsse auto, ao imaginário João de Ruão, um oval sitio no lugar de Algerara, pelos «muytos servços e boas obras que o dito Jchão de Ruão tem feitas ao dito mosteyro em suas obras e Retabolos esperam que ao diate ffaraa, e em remuneracão di so...» D. Maria de Távora, no entanto, não se satisfazia com recompensar os artistas: queria mandtazer mais obras. Escasseavam-lhe os meios. Tratou, pois, de apelar para quem de direito...



Em Novembro de 1550, el rei D. João III visitou, oficialmente, Coimbra. Promoveram-se luzidas festas em sua honra. A cidade mostrava-se grata a quem lhe entregára, de novo, a Universidade. E os frades aproveitavam a oportunidade para solicitarem favores do monarca... (4) Na crónica de D. Marcos da Cruz (5), tantas vezes citada por quantos se dedicam ao estudo de Coimbra — sus história e suas grandezas — lê-se, fôlhas 30, recto, da 2.ª parte, o seguinte:

«A quinta fr.ª foi El Rey ouvir Missa ao Colledos Franciscanos, e a Raynha dice q queria ouvir er Caza, a q se avia de dizer do Spirito S^o; onde fe com suas Damas, e se Cantou de Canto dorgão; acabada a Missa sefoi a Raynha com o Principe ger tar ao Mostr.º de Cellas...»

Desta visita de D. Catarina resultaram grandes benefícios para o mosteiro, entre êles — sem dúvida — oferta do seu lindo claustro, razão principal d'êste modesto artigo. E' fácil de imaginar o que se passou: a Abadessa e suas freiras, acabado o jantar acompanharam a Rainha, em visita ao Mosteiro. D caminho, apontavam necessidades. A' saída, D. Catarina fazia promessas. Talqualmente como ainda hoje sucede...

Porém, decorrido um ano, os benefícios prometidos ainda não haviam chegado. D. Maria de Távora receosa de que caíssem as promessas no esquecimento, manda o seu capelão à cõrte, com uma carta para a Rainha. E lá ia dizendo: «Senhora — Cõfyando na myserycordya do senhor deus e nas muy reay smolas e carydades de vosas altezas mando este padr

(3) Cartório de Celas — Livro 11.º dos Prazos.

(4) V. *Notas acerca da vida e estada de el-rei Dom João II em Coimbra*, por A. M. Simões de Castro.

(5) Manuscrito n.º 632 da Biblioteca da Universidade.

O Claustro de Santa Maria de Celas

Apontamentos para o seu estudo
por ANTONIO CRUZ

ra fazer lembrança da merce e smola que me proteram pera os edefycos desta sua casa...» (6)

A respeito da *smola*, nada consegui averiguar, — não sei, portanto, a quanto ela montou. Quanto à *ercê*, — é sabido que em 1553, andando em construção o Colégio de S. Paulo, baixou da cõrte uma Provisão delRey em q faz merce das colunas, vazas, capiteis, que estavam na claustra do Collegio Real do mosteiro de Cellas.

As colunas, com suas vazas e seus capiteis, lá foram parar ao claustro de Santa Maria de Celas. Impregaram-nas nas arcarias ocidental e meridional. A de inestimável preço e alta valla!

E a que edificio pertenceu, primitivamente, o claustro de Celas?



A provisão acima referida denuncia a sua origem. Fala, porém, com maior clareza, o auto de inauguração do Colégio Real de S. Paulo. D. Rodrigo da Cunha reproduziu êsse documento no seu *Catálogo dos Bispos do Pôrto* (7). Por êle se vê que «...aos dous diaz do mez de Mayo do dito anno, (1563) que era em hum domingo, nesta Cidade de Coimbra, no Collegio de S. Paulo, que está situado junto aos Paços delRey, onde ora são as escolhas mayores da Universidade da dita Cidade, e no proprio sitio, e lugar, onde ao tempo delRey D. Dinis forão as escolhas geraes da Universidade da dita Cidade, que naquelle empo nella esteve, e depois athé agora servio le escolhas, onde se ensinou Gramatica athé o empo que ElRey D. João o terceiro de gloriosa memoria transfirio a Universidade de Lisboa, para esta Cidade de Coimbra, onde agora está...»

De resto, vinha de longe a tradição de que os Estudos Gerais de D. Denis haviam funcionado num edificio que se ergueu no lugar onde foi construído, depois, o Colégio de S. Paulo, e onde actualmente está a Faculdade de Letras. A-propósito da transferência da Universidade de Lisboa para Coimbra, lê-se a páginas 3 dos «Estatutos da Universidade de Coimbra — Confirmados por el Rey nosso Snõr Dom João o 4.º em o anno de 1653...» — «Succederã muitas dissensoens entre os moradores da Cidade (Lisboa) & os Escolares: que farão causa de se tresladar a Universidade, pelo mesmo Rei Dom Diniz, para a Cidade de Coimbra... Esteve nesta Cidade por largos tempos: & no principio se lião as liçoens de Theologia em alguns Mosteiros: & as das outras Sciencias, Artes, & Latinidade, em casas de aluguer: & depois se juntarão todas as liçoens em huas cazas, que estavam junto dos Paços, onde agora está edificado o Collegio de S. Paulo...»

Isto mesmo e pelas mesmas palavras havia dito

Pedro de Mariz, nos seus *Diálogos de vária História* (8). Mais tarde, Jorge de Cabedo, ao falar «De Academia Conimbricensi», na sua obra *De Patronatibus Ecclesiarum Regiae coronae regni Lusitaniae* (9) copiou *ipsis verbis* o que havia escrito Pedro de Mariz. O redactor dos *Estatutos*... — fez outro tanto, para não fugir à regra...

A 26 de fevereiro de 1308, haviam sido expedidas as bulas *Profectibus publicis* e *Porrecta nuper*. Segundo o estatúdo naquella, o Arcebispo de Braga e o Bispo de Coimbra — D. Martin de Oliveira e D. Estevão Anes Brochado — devem ter procedido, sem demora, aos inquéritos ordenados pelo Papa (10). No outono dêsse anno, abria o Estudo Geral. Um alvará régio de 27 de novembro de 1308 dá já conta do funcionamento da Universidade.

Pertenceu o claustro de Celas ao primitivo edificio do Estudo Geral. E tudo leva a crer que êsse edificio foi mandado construir por D. Denis. Pelas transcrições que ficam acima e pelas datas que acabo de apontar, — é fácil tirar-se esta conclusão. A falta de documentos, tem que se recorrer à dedução: esta, porém, assenta em bases firmes.

E se tivermos em linha de conta a particular devoção del rei *Trovador* pelo santo do seu nome, então mais facilmente concluímos que essa maravilha da arquitectura medieval se delineou a suas expensas. A denunciá-lo está o facto — já apontado pelo sr. Dr. António de Vasconcelos — «de encontrarmos entre as figuras alegóricas e bíblicas que ornamentam os capiteis, a representação em duas faces de um dêles da scena legendária, extraída do Agiologio galicano, do martirio de S. Denis, *patron e benfagedor* daquele monarca...»

Em conclusão: a claustra de Santa Maria de Celas, como tudo leva a crer, pertenceu ao primitivo edificio da Universidade de Coimbra. Esse edificio, como o demonstram mais que um facto, foi mandado construir por el-rei D. Denis, — êsse monarca que tão pouco estudado anda e que é uma das maiores figuras da nossa história, espõso dessa outra figura extraordinária que foi a Rainha Santa Isabel, Padroeira de Coimbra e dona de altas virtudes.

Quanto à interpretação dos capiteis do claustro... O que havia agora a dizer, senhores! Mas o limitado espaço de que disponho não mo permite. Reservo, pois, os meus apontamentos para um futuro trabalho.

As interpretações do novo Testamento e algumas cênas da vida palaciana merecem enumeração especial e descrição promenorizada. Arcaicas no seu lavor — por vezes, até, um tanto desproporcionadas — tôdas as figuras são tocadas, porém, dum *lirismo mystico* — chamêmos-lhe assim — que nos recordam certas iluminuras do Cancioneiro de Ajuda e o aparelho do sarcófago do próprio D. Denis, em Odivelas. Uma arquêta mandada fazer pelas freiras de Lervão, para recólha das reliquias dos Santos Mártires de Marrocos que lhes foram prometidas, apresentam, como alguns capiteis de Celas, também uma arcaria trilobada, servindo de docel aos mártires e ao rei mouro. Parece que nas

(Conclui na pág. 12)

(8) = Diálogo Quinto, cap. III, Coimbra, 1594.

(9) = Cap. XXXVII, pág. 197, Lisboa, 1603.

(10) Dr. António de Vasconcelos = *Estabelecimento primitivo da Universidade de Coimbra*.

(1) *Index da Fazenda*. Manuscrito de Fr. Bernardo da Assunção publicado pelo Dr. Teixeira de Garvalho.

(2) Fr. Bernardo de Assunção. ob. cit.

(6) Torre do Tombo — Corpo Cronológico, parte 1.º, maço 87, doc. 38.

(7) 2.ª parte, cap. XXXVII. Página 302 da edição de 1724.

AS BOLACHAS

Triunfo

são verdadeiramente
BOLACHAS

**Preferidas de Norte
a Sul do País**

Auto-Industrial, L. ^{da}

==== Avenida Navarro -- Coimbra ====

Todos os acessórios para automoveis e camions

Garage de recolha

Gazolina e oleos

Representantes exclusivos para Portugal das

BOMBAS L. M. G.

**a melhor bomba para lavagem de automoveis, regas, apagar principios
de incendio, etc., e dos**

Macacos -- Licença Michelin & C.^{ie}

para 2.000, 1.000 e 500 kilos

==== **FILIAL** ====

Garage da Avenida Sá da Bandeira

Cabines para recolha de automoveis

Serviço permanente

IMPRESSÕES DE COIMBRA

por VIRGILIO MAURICIO

Virgilio Mauricio, artista e escritor brasileiro que guarda sempre na sua prosa, no dizer do seu compatriota João Ribeiro, os principios e as qualidades, a emoção e a inspiração que o tornaram artista do pincel — visitou Portugal, percorreu o país de lés-a-lés, vai para dois anos. Regressado à sua terra natal, tratou de recolher as suas impressões, que o correio nos trouxe, agora, enfeitadas num volume — 13 meses em Portugal.

Dêsse admirável livro extraímos as seguintes passagens que nos falam de Coimbra, — a terra de encantos que mereceu a Virgilio Mauricio um capítulo especial:

«Vi Coimbra superiormente orientado. O Dr. Manuel Braga, um animador da cidade, acompanhou-me aos pontos mais sugestivos e pitorescos. Descreveu-me, minuciosamente, as particularidades e belezas de cada sitio. É um entusiasta de Coimbra. Seu sonho seria o de encontrar uma lampada maravilhosa e como um novo Aladin ordenar: quero ver o Choupal como idealiso: avenidas amplas, dentro do seu caracter de mata quasi virgem, passeios e recantos onde o turista pudesse descançar, recreando a vista no espectáculo, sempre novo, que é o da natureza, na sua impressionante magestade, livre de artificios; o Vale de Canas completo; restaurante à altura de sua imponencia, estradas para todas as direcções; Santa Clara com seu funicular, uma alegria para os visitantes; emfim transformar Coimbra numa cidade de encantamento e de sonho, sem asperezas e senões. Como um dos contos do *Mil e uma noites*, um conto de fadas...

Não sendo Aladin e não possuindo a lampada maravilhosa vai modificando Coimbra, restaurando suas pedras, reergueo pedaços de historia das ruinas materiais. O Penedo da Saudade é um exemplo.

Vi Coimbra na sua mocidade. Coimbra dos academicos e das capas pretas. Visitei duas «republicas». Não é fácil encontrar palavras para louvar a desorganização organizada dos estudantes. As horas passadas na *Rial Republica Ribatejana* e *Sete Estrelo*

O Claustro de Santa Maria de Celas

(Conclusão das págs. 8-9)

duas obras trabalharam as mesmas mãos. Sobretudo, comparando-se essa arquêta—hoje no Museu Machado de Castro — com o capitel de Celas que representa a Anunciação. São os mesmos arcos trilobados, colunas bem delineadas e bases simples. O rei mouro, em tôda a sua altivez, — lá nos aparece repetido na parábola das bôdas nupciais régias, (Evangelho de S. Mateus, 22-1-14) que um capitel nos apresenta.

Mas para bem se aquilatar do valor dessa maravilha que é o Claustro de Santa Maria de Celas — a mais vincada transição do românico para o gótico — seria preciso descrever cada um dos seus capiteis, e, mesmo assim, fazer acompanhar a descrição das res-

pareceram minutos tal o imprevisto e a ordem na desordem aparente. Uma pleidade de moços olhando o futuro de frente — os homens de amanhã.

Artistas no seu cantar e no dedilhar das guitarras e violões; artistas como os artistas sempre foram, bohemios...

Tornei-me academico e fiquei bohemio naquela noite memoravel em que a ceia de Henrique Pereira da Mota (Pantaleão), no expressivo e agressivo convite de Castelão de Almeida, seria dividida por todos e que ele, como presidente da «republica», sacrificava seu estomago em homenagem ao visitante...

Sacrificou. Tudo fora devorado ininterruptamente até à hora dos discursos. Ouvi a voz da mocidade, senti sua grande generosidade. Palavras que só o entusiasmo, o ardor da juventude sabem dizer.

Antonio Cruz propoz que meu nome figurasse na lista dos academicos de Coimbra. A votação foi unanime. Venancio Dias Leite envolveu-me com sua capa preta. Naquele ambiente de fraternal camaradagem vi surgir Coimbra, como conhecera pelos livros, atravez à história, — gloriosa nas suas tradições altiva na sua mocidade, Coimbra sempre renovada nos seus estudantes, Coimbra toda bondade, toda fidalguia.

Para que ver mais, olhos que tanto viram?!

Vi Coimbra como estudante, numa serenata em que toda «republica» compunha versos, improvisos felizes, piadas de espirito.

Ouvi o fado.

A voz de Serrano Baptista e a musica de Jorge de Moraes (Xabregas) e Castelão de Almeida inundavam de sons e de poesia as ruas silenciosas.

As janelas iluminavam-se. A musica continuava no seu ritmo dolente. Tudo parecia elevar-se da terra para os céos, como uma prece. Uma canção que acordava as proprias pedras... Uma canção Saudade... »

pectivas gravuras. Percorrer essa galeria da escultura architectónica é pôr-se a gente em contacto com um legado de valor indiscritível. E ao repararmos, por exemplo, no capitel que representa a libertação das almas dos santos padres que aguardavam, no Limbo, a Redempção, — ao fitarmos bem aquele monstro horrível e de fauces escancaradas que representa o Limbo, ocorrem-nos aquelas palavras do clássico João de Barros que vêm no seu *Panegrico a mui alta, e esclarecida princesa Infanta Dona Maria nossa Senhora*: «A mesma razão ensinou aos Pintores fazerem os espiritos maos tam feos, dando a entender por seu rosto suas obras, de que entre nós nasceo hum proverbio, que diz: Guardevos Deos do homem mal assinalado ».

Coimbra, Junho de 1934.

António Cruz

Nota — O presente artigo é um resumo dalguns apontamentos coligidos pelo autor e que se destinam a um trabalho a publicar em volume.

Bilhares VITORIA

FABRICA DE BILHARES DE PRECISÃO

A mais importante Fabrica do Pais (no genero)



AGENCIA EM LISBOA:

RUA DA VITORIA, 90 A 98

V.º Antonio Fusrtnau

PORTO

Telefone 2756

PORTUGAL

134, Rua dos Douradores, 2.º, E.

Telefone 20969

OİLINA "LUX",

Medicamento de base óleo de fígados de bacalhau vitaminado, com todos os hipofosfitos, sem paladar ou cheiro ao óleo e útil no raquitismo, fraquêsã geral, tuberculose ossea, etc.

Depósito geral: **LABORATÓRIO "LUX", -- COIMBRA**

Os Ex.ºº Clínicos peçam amostras ao Laboratório

O fato faz o homem
e a

ALFAIATARIA COIMBRA
faz o fato

A casa preferida por todos que
vestem bem

RUA FERREIRA BORGES

Fotografia Rasteiro

AVENIDA NAVARRO -- TELF. 565

A MAIS ANTIGA DE COIMBRA

Medalhas d'ouro nas principais exposições

A maior coleção de fotografias
de Paisagens e Monumentos

OURIVESARIA
BRINCA
O MAIOR SORTIDO

Pessoa & Silva, Limit.

Confeitaria -- Merceria

7, Largo Miguel Bombarda, 9

Telefone 2

COIMBRA

José César Lopes

Ferro :: Ferragens :: Metais :: Tintas
Oleos EAGLOI

9-RuaVisconde da Luz-11 -- COIMBRA

Camisaria Pedrosa

Largo Miguel Bombarda

COIMBRA

em camisaria e calçado a preços fora do vulgar

Brindes em compras de 200\$00

Só nesta casa V.
Ex.ºs encontram o
sortido completo

CRÓNICA

Razão teórica e razão prática

A Central encontrava-se mais ou menos deserta. A hora habitual do café após-almoço havia já passado e era cedo ainda para que os felizes a quem é dado o prazer de lanchar viessem perturbar, com o ruído das suas conversas, o quasi silêncio que nos rodeava.

Ocupadas... apenas três mesas:

Logo à entrada, dois rapazes fumavam e pelo exagerado dos gestos, parecia discutirem política — o inexgotável manancial onde o portuguezinho, infelizmente, nunca se cansa de ir buscar assunto para desafogar os seus bons ou maus humôres.

Numa mesa fronteira àquela onde eu me encontrava, um cavalheiro gordo, corado, exageradamente corado, com um forte bengalão ao lado e com algumas nódoas nas abas do casaco à lala de condecoração, parecia pedir à garrafa de água das Pedras que tinha na frente o impagável favôr de lhe auxiliar a digestão do abundante almoço que, certamente, acabara de ingerir, visto que para tal não chegara o copioso acompanhamento de determinados outros líquidos que o berrante carmim da sua face forte teimava em denunciar.

Finalmente, na terceira e ultima mesa ocupada, o Fernando da Silva, um talentoso quartanista de Direito, o Albano de Castro, um rapaz inteligentíssimo que usou este ano fitas amarelas e eu que nem sou talentoso, nem inteligente, nem quartanista de Direito, nem uso fitas amarelas.

O Fernando e o Albano discutiam. Inicialmente não sei o que discutiam mas posso afirmar que não era política. E não sei o que discutiam porque — embora fôsse insignificante a distância que deíes me separava — tinha a minha atenção presa na observação das poucas cenas — algumas das quais já descritas — que me rodeavam.

O garôto do balcão tomava apontamentos num livrosito de papel branco e, espedado no meio do corredor central, com o guardanapo enrolado no braço esquerdo, imóvel como uma estátua, com as feições contraídas, um empregado loiro olhava... olhava... Para onde olhava aquêlê rapaz?

Por fim, cansei-me de não ver nada e — para dár alguma coisa que fazer ao empregado loiro que continuava imóvel, a olhar... a olhar... — principiei a rabiscar, com um lápis, o mármore da mesa.

A tarefa, porém, em breve me aborreceu e não tive remédio senão ouvir o que discutiam os meus companheiros.

O diálogo ia já em meio:

Albano — ... e não sei que fazer.

Fernando — Mas tu já te declaraste?

(Permite-me, leitôr, um parêntesis que não interromperá a conversa: o Albano e o Fernando não discutiam política mas, como vês, tratavam o outro assunto forte das conversas de portuguezes: mulheres).

Albano — Não. Parece-me mesmo que não me declaro.

Fernando — Depois do que se passou entre vocês... só se fôres parvo.

Albano — Bem sei mas tu comprehendes: tenho medo...

Fernando — Medo?

Albano — Sim. Eu não desgosto da rapariga mas... Se me declaro... namoro-a: E, se a namoro... Com o namôro a minha afeição aumenta e, aumentando, sou capaz de cair na tremendíssima e emaranhada rêde do casamento,

Fernando — E daí?

Albano — E daí?! Então tu não sabes que ela é pobre?...

Fernando — E que anormalidade haverá nessa circunstância? E's também daquêles que buscam o dote e não a mulher?

Albano — Mas tu não sabes que também eu sou pobre? Tu não vês que casando-me com ela ia juntar a minha à sua infelicidade? Tu não vês que, para infelicidade, já me basta a minha? Tu não reparas na tremendíssima crise que assola o mundo inteiro?

Fernando — (que se ia excitando à medida que ouvia as palavras de Albano). Mas, afinal, tu és um cobarde! Tu não tens a coragem necessária para conquistares a felicidade! Tu não sentirás, em ti, a força e o vigôr indispensáveis para poder trabalhar, para poder ser alguêm, para conquistar, pelo trabalho, a tua independência e a de tua família? E's um cobarde! Julgava-te outro. Positivamente és um cobarde!

O Albano emudecera e o Fernando, agitado, continuava a mastigar a palavra cobarde.

O cavalheiro do bengalão e das nódoas nas abas do casaco dormitava agora. Um dos rapazes da outra mesa batia as palmas, a chamar alguêm, mas o empregado loiro continuava a olhar... a olhar... Para onde olharia aquêlê rapaz?

Na nossa mesa, o Albano mudo e o Fernando a mastigar a palavra cobarde.

O meu raciocínio (para mim) — A conquista da mulher querida... O casamento... Os filhos... O lar...

Mas o Fernando cortava o silêncio:

Fernando — (também para mim). E tu? Não dizes nada?

O meu raciocínio — (ainda para mim e reticenciando para me habilitar à resposta). O lar... A utopia do amor e uma cabana... A estúpida ilusão do amor... A crise... A pavorosa crise... A miséria... A escassez de meios...

Eu — Digo, digo alguma coisa. Digo que tu és um forte orador, que nascêste para a carreira que escolhêste, que tens, na sua pujança, a bossa da oratória, que tens razão, mas...

E fui abraçar o Albano.

Manuel Albuquerque.

Dr. Sousa Pinto

A seu pedido, deixou de exercer o alto cargo de Ministro da Instrução Publica o sr. Dr. Sousa Pinto, illustre Professor da Faculdade de Ciencias do Porto, e nosso presado assinante.

Cumprimentando S. Ex.^a affectuosamente, é-nos muito grato registar a grande simpatia de que se tornou crêdor no meio acadêmico, pela forma pouco vulgar como sobraçou aquela pasta.

Ilustres visitantes

Tivemos o prazer de abraçar na nossa redacção os srs. drs. Alcides Strech Monteiro e Venâncio Dias Leite que foram em Coimbra, como estudantes, dois vultos de incontestável prestígio, e hoje são advogados distintos na Vila da Feira.

Serviço de leitura nocturna na Biblioteca Geral da Universidade

Superiormente autorizado por decreto publicado na fôlha oficial, reiniciou-se, no passado dia 2, o serviço de leitura nocturna na Biblioteca Geral da Universidade, que funcionará todos os dias úteis, das 20 às 24 horas.

Por que se trata dum grande benefício para todos nós, estudantes, damos a seguir as indicações referentes ao que é preciso fazer-se para se poder usufruir a regalia da leitura nocturna: todos os dias, até às 16 horas, os leitores devem requisitar as obras que desejam consultar durante a noite; a Biblioteca abre às 20 horas, desde que haja leitores inscritos; será encerrada às 21 horas, caso nenhum leitor apareça.

Dr. Fernandes Martins

Regressou há dias de Mértola, onde foi em missão profissional, o nosso querido amigo e distintíssimo colaborador Dr. Fernandes Martins. O ilustre causídico teve ocasião de mostrar na linda vila alentejana, num julgamento cheio de emoção, as suas inigualáveis qualidades de advogado, satisfazendo a muita gente o grande desejo de conhecer pessoal o glorioso patrono da Maria do Sol.

Orfeon Académico de Coimbra

Iniciaram-se já, com a maior actividade, os ensaios do Orfeão Académico, que se prepara para a sua viagem ao Brasil. O sr. Dr. Elias de Aguiar, insigne regente daquele brilhante grupo coral, regressou a Coimbra, e está dirigindo os ensaios. A Direcção, incansável na realização desta iniciativa de tão grande vulto, num gesto de requintada gentileza, convidou os antigos orfeonistas a inscrever-se, a-fim-de tomarem parte nesta viagem formidável.

E'-nos muito grato — neste momento em que já se vai sentindo a realidade do que há tantos anos vem sendo um sonho encantado daquela prestigiosa colectividade — prestar as nossas melhores homenagens àquêl punhado de rapazes moços que constitui a Direcção do Orfeão Académico de Coimbra e que, dotados duma vontade de ferro, conseguiram dar vida e movimento a uma ideia que ninguem pensaria poder passar dum sonho!

A Homenagem dos Estudantes de Coimbra aos seus Camaradas mortos na Grande Guerra

Estão suspensos, por motivo dos actos, os trabalhos da Comissão que promove esta comovedora homenagem aos Estudantes mortos na Guerra a que, espiritualmente, todo o paiz se associou. Os trabalhos recomencarão em Outubro próximo, devendo o descerramento da lápide comemorativa ter lugar no dia 11 de Novembro.

Coimbra Editora, Limitada

AVENIDA DO ARNADO
Telef. 355 P. B. X. e 846

RUA FERREIRA BORGES
Telef. 355

ULTIMAS NOVIDADES:

<i>Santa Isabel de Portugal</i> — pela Condessa de Vinhó e Almedina	5\$00
<i>Santo António de Lisboa</i> — pelo P. ^o Rolim (O. F. M.)	15\$00
<i>História Popular de Jesus</i> — por Fernand Laudet, traduzido pelo Dr. Manuel Valadares	8\$00
<i>Dois escritores cegos</i> — por Augusto Gama.	15\$00
<i>Vida Errada</i> — O Romance de Coimbra — pelo Dr. Fernando Correia	10\$00
<i>Tempos de Coimbra</i> — pelo Dr. António Cabral	10\$00
<i>Uma Vespera de Feriado</i> — pelo Dr. José Bruno	10\$00
<i>Conferências e Viagens</i> — pela Condessa de Vinhó e Almedina	10\$00

Enviem-se catálogos a quem os requisitar

Arnaut Ferreira

ENCADERNADOR

Pastas de luxo :—: Pastas de call
Vendas de pastas e fitas para todas as Faculdades
Rua Borges Carneiro, 5 - 7

Livraria NEVES - Editora

Livro nacionais e estrangeiros, artigos de papelaria e desenho, etc.

GRANDE SORTIDO DE POSTAIS REGIONAIS

44-R. Candido dos Reis-58 — COIMBRA

Dr. M. de Matos Beja

Análises clínicas — Vacinas

R. Ferreira Borges, 9-2.^o
COIMBRA

Novogenol Minerva

Para a tuberculose, anemia, linfatismo, neurastenia, etc.

À venda em todas as boas Farmacias
Laboratorio Minerva
COIMBRA

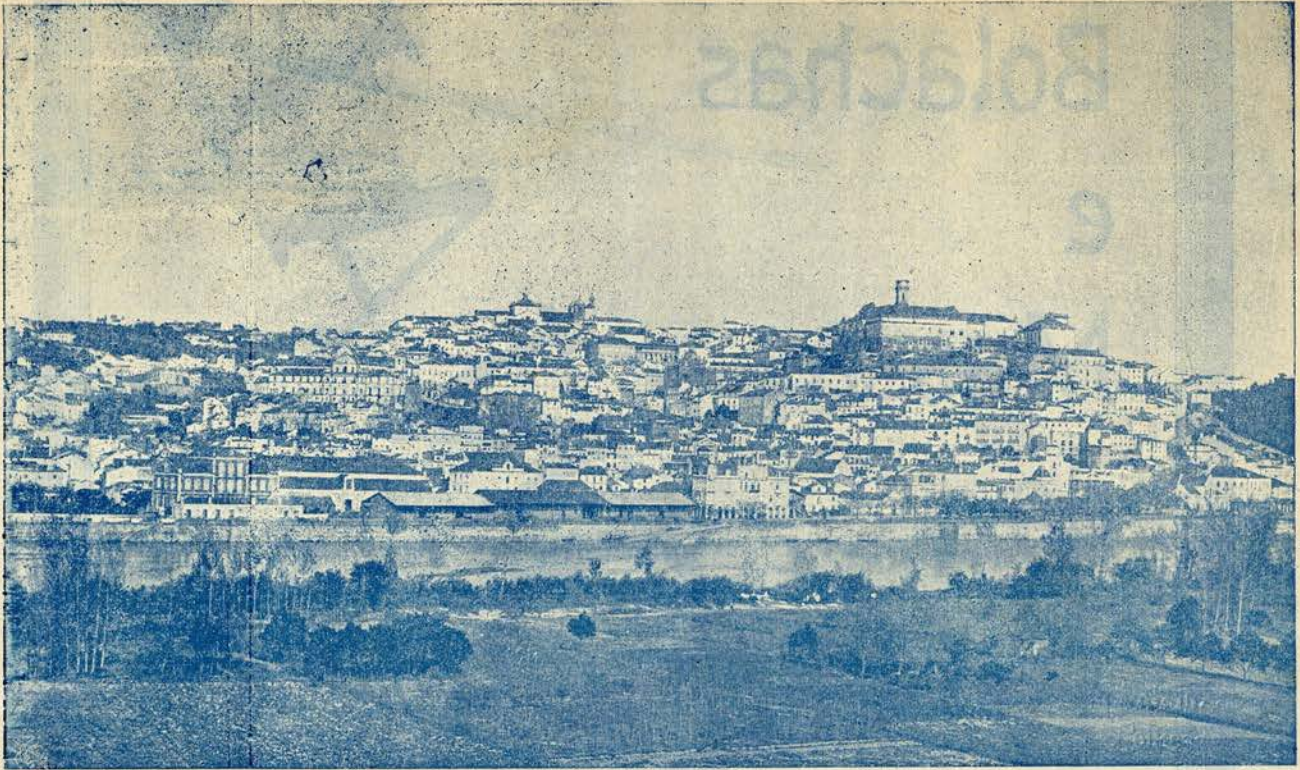
As
Bolachas
e
Massas
da

NACIONAL

são
as
preferidas



COIMBRA



... TERRA DE ENCANTOS



À ESQUERDA — Um aspecto geral do Santuário de Santo António dos Olivais, tão celebrado e conhecido pelo glorioso taumaturgo que aí viveu e onde a Comissão de Iniciativa e Turismo levou a efeito importantes obras de restauração.

À DIREITA — Vista geral do Bairro de Santa Clara, coroado pelo convento que guarda, num túmulo de prata, o corpo da Rainha Santa Isabel.

